



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz Ata do Copom, Relatório de Política Monetária e bateria de indicadores, com dados de inflação, emprego e crédito

Após surpreender parte relevante do mercado com uma nova alta de 0,25 pp, levando a taxa Selic para 15,0% aa, o Banco Central divulga a Ata da reunião do Copom e o Relatório de Política Monetária (RPM), na terça-feira (24) e quinta (26), respectivamente. Os documentos devem trazer mais detalhes sobre os motivos que levaram o Copom a optar por uma alta final, em vez de manter os juros estáveis, além de atualizar o cenário econômico e apresentar suas novas projeções. Os principais pontos de atenção devem ser: i) quais fatores ainda poderiam levar a uma nova alta dos juros, dado que o Copom apenas indicou uma “interrupção” do ciclo e não um encerramento, embora isso seja algo improvável, salvo surpresas negativas no cenário; ii) a evolução das projeções de inflação do BCB até o fim de 2027, que pode indicar quando o Copom poderá iniciar o ciclo de flexibilização monetária. Na última edição do RPM, referente ao 1º trimestre, o BCB apontava que a inflação se aproximava da meta no 3T27, quando atinja 3,1%. Caso mantenha tal previsão ou aponte uma inflação exatamente no centro da meta (3,0%) a partir de tal período, poderá levar o mercado a migrar suas expectativas para o início do processo de flexibilização dos juros a partir do 1º trimestre de 2026, quando a inflação do 3T27 se torna o horizonte relevante para a política monetária; ou, no mais tardar, no 2T26, dado que as expectativas do mercado ainda se encontram bastante desancoradas.

Na agenda de indicadores, destaque para os números do mercado de crédito, cujo saldo total da carteira deve avançar 0,5% em maio, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o ritmo de expansão anual deve mostrar relativa estabilidade, passando de 11,5% para 11,4%, sustentado principalmente pelas operações com recursos direcionados, ainda impulsionadas pelos programas públicos. Destaque no mês para o comportamento das contratações PJ, que, de um lado, devem mostrar alguma antecipação nas operações de desconto de recebíveis (risco sacado) e, de outro, uma acomodação em capital de giro, refletindo as mudanças das alíquotas do IOF. Veja mais detalhes da Pesquisa nas [páginas 7 e 8](#). Os números oficiais serão divulgados pelo Banco Central nesta sexta (27).

O mercado também estará de olho nos dados de inflação, que devem seguir mostrando algum arrefecimento, reforçando a percepção de uma dinâmica um pouco mais benigna à frente. O IBGE divulga o resultado do índice IPCA-15 na quinta (26), com expectativa de alta de 0,30% no mês, abaixo do dado de maio (0,36%). O indicador deve mostrar continuidade da decompressão nos preços dos alimentos consumidos no domicílio e deflação dos combustíveis. Na outra ponta, o indicador deve ser novamente pressionado pelas tarifas de energia elétrica, devido ao acionamento da bandeira tarifária vermelha nível 1 em junho. Com o resultado, o índice deve desacelerar de 5,40% para 5,31% no acumulado em 12 meses. Na mesma direção, o IGP-M deve recuar 1,01% em junho, a segunda deflação seguida, refletindo, principalmente, a queda dos itens agropecuários no atacado. No acumulado em 12 meses, o índice deve desacelerar bastante, de 7,03% para 5,20%.

Os números de maio do mercado de trabalho, que serão conhecidos na sexta (27), devem mostrar que o segmento segue aquecido, apesar dos sinais de moderação da economia. A taxa de desemprego, calculada pela PNAD (IBGE), deve cair para 6,3% no trimestre encerrado em maio, menor patamar para o período desde o início da série histórica (2012). No mercado formal, o Caged deve apontar geração líquida de 175,0 mil vagas no mês, acima do observado em mai/24 (+139,4 mil).

Na semana também será conhecido o resultado fiscal de maio do governo geral, que deve registrar um déficit primário elevado no mês, refletindo, dentre outros fatores, o pagamento da maior parcela do 13º salário aos aposentados e pensionistas do INSS. O Tesouro divulga o resultado primário do governo central na quinta (26), com expectativa de um déficit de R\$ 40,4 bi. Embora elevado, a expectativa é melhor do que a observada no mesmo mês do ano passado (R\$ -63,5 bi), dado que em maio do ano passado o resultado foi afetado pela abertura de crédito extraordinário e postergação do recebimento de impostos em função do desastre climático no Rio Grande do Sul.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Ainda na agenda de indicadores domésticos, o Banco Central divulga as estatísticas do setor externo na quarta (25), que deve mostrar um déficit externo ainda crescente. O consenso de mercado projeta um déficit em transações correntes de US\$ 3,3 bi no mês, superior ao observado em mai/24 (US\$ -2,5 bi), diante da resiliência das importações de bens e serviços e queda dos preços dos bens exportados pelo país. Com isso, o déficit externo deve se aproximar de US\$ 70 bi (3,3% do PIB) em 12 meses, patamar muito próximo a entrada de investimento estrangeiro direto no país.

No cenário internacional, os agentes seguirão acompanhando os desdobramentos da guerra entre Israel e Irã, após o ataque dos EUA nas principais instalações nucleares iranianas na noite deste sábado. Os EUA sinalizam que cumpriram seu objetivo militar ao fazer uma espécie de intervenção cirúrgica para enfraquecer ainda mais o Irã e não pretendem fazer novos ataques, evitando uma escalada maior. Por outro lado, o Irã prometeu retaliação e terá reunião com a Rússia para tratar sobre o tema. Do ponto de vista econômico, a grande preocupação é com o impacto sobre o mercado de petróleo e derivados, dado que o Irã ameaça fechar o Estreito de Ormuz, importante rota marítima de escoamento da produção do Oriente Médio para a Ásia. A estimativa é que cerca de 20% da produção mundial passe por tal via. Por ora, o petróleo (tipo Brent) opera em alta moderada, abaixo de 1%, cotado a US\$ 77 o barril, numa aparente aposta do mercado de que haverá alguma desescalada do conflito, como Israel começa a sugerir. Em que pese a imprevisibilidade de eventos desta magnitude, parece haver um esforço (mesmo que tácito) de evitar uma escalada maior do conflito, em especial da presença dos EUA. Em se conformando esta expectativa, impacto nos mercados podem ser moderados.

Quanto à agenda de indicadores, a semana será bastante movimentada nos EUA, com dados de atividade e inflação que podem corroborar com a postura de cautela do Fed, que manteve os juros inalterados na reunião da semana passada. Destaque para os dados de gastos pessoais e o deflator de preços (índice PCE) de maio que serão divulgados na sexta (27). Os gastos devem subir 0,1% no mês, reforçando os sinais de alguma perda de dinamismo no consumo das famílias, em meio às incertezas relacionadas às tarifas. Já o PCE deve avançar 0,1% no mês, acumulando alta de 2,3% em 12 meses (ante 2,1% em abril), se mantendo ligeiramente acima da meta de 2%, mesmo sem captar ainda os efeitos das tarifas, que devem aparecer com mais força no 2º semestre. Ainda no âmbito da atividade, serão conhecidos ao longo da semana a leitura final do PIB do 1T25, que deve confirmar a retração anualizada de 0,2% da economia norte-americana no período, além da prévia de junho do índice PMI, dados do setor imobiliário e de confiança dos consumidores, que ajudarão a calibrar o desempenho da economia norte-americana neste 2º trimestre.

Na China, a semana será marcada pela realização do Comitê Permanente do Congresso Nacional (NPC, em inglês). As sessões do evento tratarão de temas econômicos, fiscais e regulatórios, e podem indicar a adoção de novos estímulos econômicos no país, em função da fraqueza da demanda interna e pela guerra comercial que vem sendo travada com os EUA.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/jun	Ata do Copom	-	-	-
24-27/jun	FGV: Sondagens de Confiança	Jun/25	-	-
25/jun	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Mai/25	US\$ -3,3 bi	US\$ -1,3 bi
26/jun	BCB: Relatório de Política Monetária	2º tri/25	-	-
26/jun	IBGE: IPCA-15	Jun/25	0,30% m/m 5,31% a/a	0,36% m/m 5,40% a/a
26/jun	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Mai/25	R\$ -40,4 bi	R\$ 17,8 bi
27/jun	BCB: Estatísticas de Crédito	Mai/25	0,5% m/m* 11,4% a/a*	0,7% m/m 11,5% a/a
27/jun	FGV: IGP-M	Jun/25	-1,01% m/m 5,20% a/a	-0,49% m/m 7,02% a/a
27/jun	PNAD: Taxa de Desemprego	Mai/25	6,3%	6,6%
27/jun	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Mai/25	175,0 mil	257,5 mil

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23-26/jun	China	Comitê do Congresso Nacional (NPC)	-	-	-
23/jun	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jun/25 – prévia	49,7 pts / 50,0 pts	49,4 pts / 49,7 pts
23/jun	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jun/25 – prévia	51,0 pts / 52,9 pts	52,0 pts / 53,7 pts
23/jun	EUA	Vendas de casas existentes	Mai/25	-1,3% m/m	-0,5% m/m
24/jun	EUA	Confiança do consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Jun/25	99,8 pts	98,0 pts
25/jun	EUA	Venda de casas novas	Mai/25	-6,7% m/m	10,9% m/m
26/jun	EUA	Pedidos de bens duráveis	Mai/25	8,5% m/m	-6,3% m/m
26/jun	EUA	PIB	1º tri/25 – final	-0,2% t/t-1 (anualizado)	2,4% t/t-1 (anualizado)
26/jun	EUA	Estoques no atacado	Mai/25	0,2% m/m	0,2% m/m
26/jun	EUA	Vendas de casas pendentes	Mai/25	0,0% m/m	-6,3% m/m
27/jun	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Jun/25 – final	-15,3 pts	-15,2 pts
27/jun	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Mai/25	0,3% m/m 0,1% m/m	0,8% m/m 0,2% m/m
27/jun	EUA	Deflator de Gastos Pessoais (Índice PCE)	Mai/25	0,1% m/m 2,3% a/a	0,1% m/m 2,1% a/a
27/jun	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Jun/25 – final	60,3 pts	52,2 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom eleva Selic para 15,0% aa, mas sinaliza interrupção do ciclo de alta dos juros

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) elevou a Selic em 0,25 pp, para 15,0% ao ano, maior taxa em quase duas décadas (desde jun/06). O movimento surpreendeu parte relevante do mercado e dos analistas, que esperavam a manutenção da taxa, embora todos concordassem que a opção de uma nova alta dos juros era tecnicamente justificável. Na avaliação do cenário, o Copom seguiu qualificando o ambiente externo como adverso e incerto. No âmbito doméstico, mostrou-se marginalmente mais seguro com relação à desaceleração da economia. Em maio, o diagnóstico era de uma “incipiente” moderação no crescimento. Agora, afirmou haver uma “certa” moderação, reconhecendo sinais de perda de fôlego da atividade.

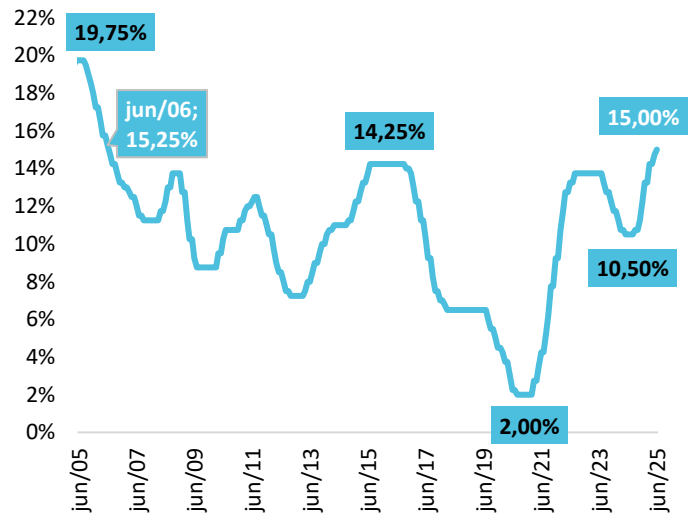
Quanto à inflação, destacou que tanto o índice cheio quanto as medidas subjacentes mantiveram-se acima da meta, enquanto as projeções sofreram pouca alteração. No cenário de referência, a expectativa para 2025 subiu de 4,8% para 4,9%, enquanto para 2026, atual horizonte relevante da política monetária, permaneceu em 3,6%. Esse número está bem abaixo da expectativa mediana do mercado (Focus), de 4,5%, mostrando que o BC segue mais otimista com a trajetória da inflação, embora também projete que esta seguirá acima do centro da meta. O balanço de riscos também foi mantido inalterado, apontando que os riscos seguem mais elevados do que o usual.

Por fim, o Comitê afirmou que “antecipa uma interrupção no ciclo de alta para examinar os impactos acumulados do ajuste já realizado”. Ou seja, não encerrou explicitamente o ciclo, podendo retomá-lo se julgar necessário, embora seja improvável. Adicionalmente, apontou que irá avaliar se o nível corrente da taxa de juros, considerando a sua manutenção por “período bastante prolongado”, é suficiente para assegurar a convergência da inflação à meta.

Portanto, o Copom preferiu adotar uma postura mais conservadora e “encerrar” o ciclo de aperto monetário com uma alta residual de 0,25 pp da Selic. Na prática, tal alta parece estar mais ligada a uma busca de ganho de credibilidade, para indicar que o Comitê fará o que for necessário para garantir a convergência da inflação à meta. Outro ponto relevante foi o uso da expressão “período bastante prolongado” para indicar que não pretende reduzir os juros em breve, evitando que o mercado passe a precificar apostas prematuras em cortes de juros, prejudicando a potência da política monetária.

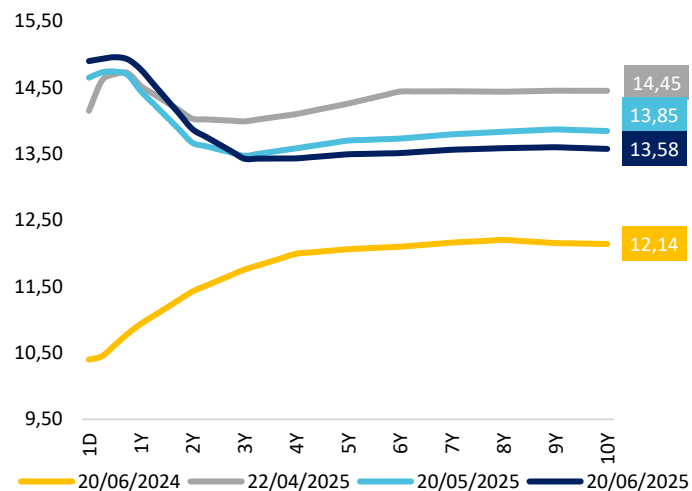
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic – em % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros Futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

Neste sentido, as novas projeções que serão divulgadas nesta semana no Relatório de Política Monetária (RPM) ajudarão o mercado a precificar quando o BCB deve começar a reduzir os juros. A última edição do RPM apontava a inflação convergiria para perto do centro da 3º trimestre de 2027. Caso mantenha tal projeção, deve levar o mercado a precificar o início do ciclo de queda dos juros a partir do início de 2026, quando a política monetária estaria mirando o período em questão (3T27, ou seja, 6 trimestres à frente).

Os dados de atividade mostraram alguma acomodação no início do 2º trimestre, sinalizando um menor crescimento no período.

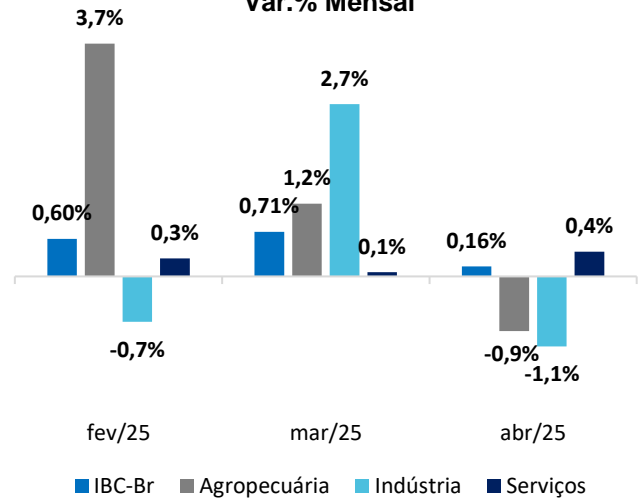
O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, cresceu 0,16% em abril, a quarta alta seguida, mas abaixo do observado em março (+0,71%) e da média mensal do 1T25 (+0,90%). A alta foi concentrada no setor de serviços (+0,4%), enquanto a indústria (-1,1%) e a agropecuária (-0,9%) recuaram no mês. O resultado deixou um carregamento estatístico de 0,8% para a atividade no 2º trimestre, sugerindo que a economia deve seguir em expansão no período, mas em menor intensidade do que o observado no 1T25, quando o índice avançou 1,5%.

Já o Monitor do PIB, divulgado pela FGV, recuou 0,4% em abril, após expansão por 5 meses consecutivos e avanço de 1,3% em março. Na mesma direção, o indicador também apontou queda da indústria e da agropecuária no mês. Adicionalmente, a Fundação também calcula o comportamento da atividade sob a ótica da demanda, que, neste caso, apontou queda generalizada dos principais componentes: consumo das famílias (-0,1%), formação bruta de capital fixo (-1,2%) e consumo do governo (-1,4%).

Portanto, após um início de ano bastante forte, impulsionado pela super safra agrícola, a atividade volta a dar sinais de acomodação, diante do nível bastante restritivo dos juros na economia.

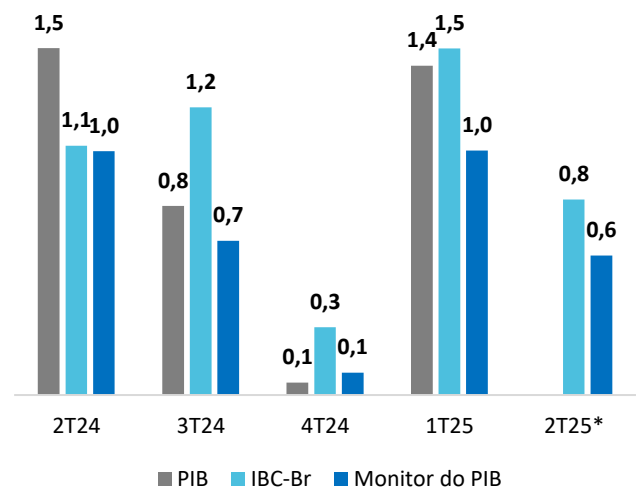
Em relação à inflação, o índice IGP-10 registrou deflação pelo terceiro mês consecutivo, refletindo a queda de importantes commodities no atacado. O índice recuou 0,97% em junho, um pouco abaixo do esperado (-0,94%), em função da queda de 1,54% dos preços no atacado (IPA) – que possui maior peso no índice (60%) – com destaque para o milho (-16,2%), café (-5,8%) e bovinos (-4,5%). O índice de preços aos consumidores (IPC) mostrou moderação, com alta de 0,28% (ante 0,42% em maio), enquanto o índice da construção civil (INCC) subiu 0,87% (ante 0,43% em maio), diante do impacto do dissídio sobre o custo da mão-de-obra. No acumulado em 12 meses, o índice desacelerou para 5,62% (ante 7,55%), reforçando os sinais de alguma inflexão no processo inflacionário.

Quadro 3: Índice IBC-Br de Atividade Var.% Mensal



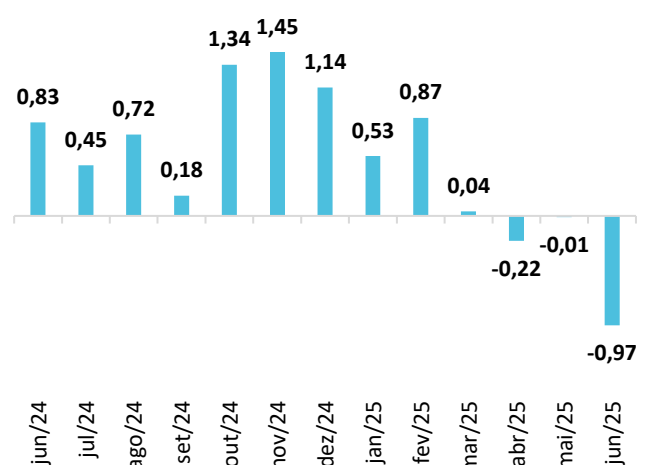
Fonte: BCB

Quadro 4: PIB vs Índice IBC-Br e Monitor do PIB Var.% Trimestral e Carry over para o 2T25



Fonte: IBGE, BCB e FGV

Quadro 5: Índice IGP-10 Var.% Mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Escalada da guerra entre Israel e Irã e postura do Fed mantém mercados sob apreensão

Durante a semana os mercados internacionais permaneceram voláteis, refletindo a preocupação com os desdobramentos da guerra entre Israel e o Irã. A principal incerteza girava em torno de uma possível intervenção direta dos EUA no conflito. O presidente Donald Trump sinalizou que pretendia aguardar até 2 semanas para tomar uma decisão. No entanto, na noite deste sábado, os EUA atacaram as três principais instalações nucleares iranianas, incluindo a usina de Fordow, uma instalação subterrânea. Diante desse cenário, o preço do petróleo (tipo *Brent*) seguiu acima de US\$ 75 por barril ao semana e a tendência é que siga ao alta longo desta semana, em função da possibilidade do fechamento do Estreito de Ormuz pela Irã, onde trafega cerca de 20% do petróleo mundial.

Na economia, como esperado, o Fed manteve as taxas de juros estáveis entre 4,25% e 4,50% aa nos EUA, pela quarta reunião consecutiva. O comunicado destacou que as incertezas diminuíram, apesar de seguirem elevadas. Já as projeções divulgadas refletiram os impactos esperados pelos membros das tarifas comerciais, com elevação das projeções de inflação, cujo núcleo do PCE seguiria acima da meta até 2027, quando ficaria em 2,1%. Em entrevista coletiva, o presidente do Fed, Jerome Powell, voltou a destacar que os efeitos das tarifas na inflação são incertos e atrapalham a tomada de decisão, ressaltando que o Fed está “no lugar certo” para aguardar mais informações e determinar os próximos passos da política monetária. De todo modo, os diretores da instituição continuam esperando ainda dois cortes de 0,25 pp dos *Fed Funds* em 2025, mas passaram a esperar menos cortes em 2026 e 2027, indicando juros mais elevados ao longo dos próximos anos.

Os dados de atividade de maio, por sua vez, vieram abaixo do esperado, reforçando os sinais de desaceleração da atividade no país. As vendas no varejo caíram 0,9% no mês, ante expectativa de -0,6% e após leve recuo (-0,1%) em abril. O resultado foi puxado pela queda das vendas de automóveis (-3,5%) e materiais de construção (-2,7%). O recuo ainda ocorreu sem as tarifas estarem em pleno curso, embora os consumidores já se mostrem sensíveis aos aumentos de preço nas pesquisas de confiança. Já a indústria recuou 0,2% no mês, onde era esperada a estabilidade, devido ao recuo do setor de *utilities* (-2,9%).

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) ficou estável em maio, levando o indicador no acumulado em 12 meses para 1,9%, desacelerando ante abr/25 (+2,2%) e voltando a ficar abaixo da meta de longo prazo do BCE de 2,0% aa pela 1ª vez desde set/24 (+1,7%).

Quadro 6: Preço do Barril de Petróleo (tipo *Brent*) Em US\$



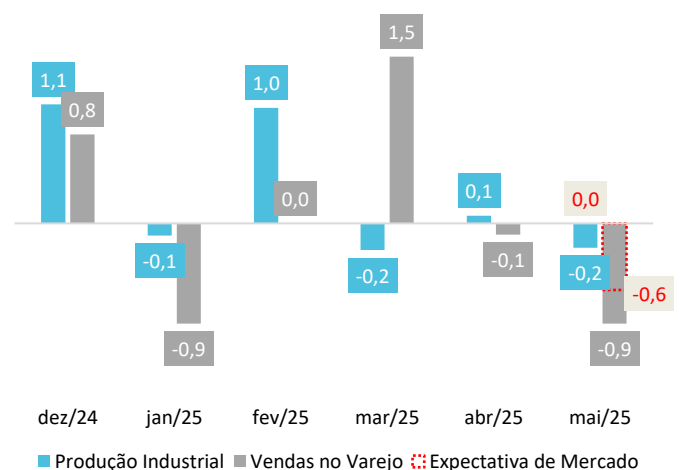
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Projeções do Fomc/Fed

	Projeção jun/25			Diferença ante mar/25 (p.p.)		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
Taxa de Juros (% aa)	3,9	3,6	3,4	0,0	+0,2	+0,3
Inflação Núcleo do PCE (Var. % a/a)	3,1	2,4	2,1	+0,3	+0,2	+0,1
PIB real (Var. % a/a)	1,4	1,6	1,8	-0,3	-0,2	0,0
Taxa de desemprego (%)	4,5	4,5	4,4	+0,1	+0,2	+0,1

Fonte: Fed – *Summary of Economic Projections*.

Quadro 8: EUA – Produção Industrial e Vendas no varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve crescer 0,5% em maio e acumular alta de 11,4% em 12 meses

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 0,5% em maio, de acordo com a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve mostrar ligeiro recuo, de 11,5% para 11,4%.

O crédito PJ deve crescer 0,7% no mês, com a alta da carteira acelerando de 10,2% para 10,6% em 12 meses, contribuindo para a relativa manutenção do ritmo de expansão da carteira total. A carteira PJ livre deve avançar 0,5%, com o desempenho influenciado principalmente pelas operações de descontos de recebíveis, refletindo um possível movimento de antecipação por parte das empresas diante das sinalizações de mudanças no IOF sobre operações de risco sacado, com efeitos a partir de 1º de junho. Nesse contexto, também se observou algum enfraquecimento nas contratações de capital de giro, estas já penalizadas pelo aumento do IOF no fim de maio. Em 12 meses, a carteira deve passar de 7,6% para 8,2%.

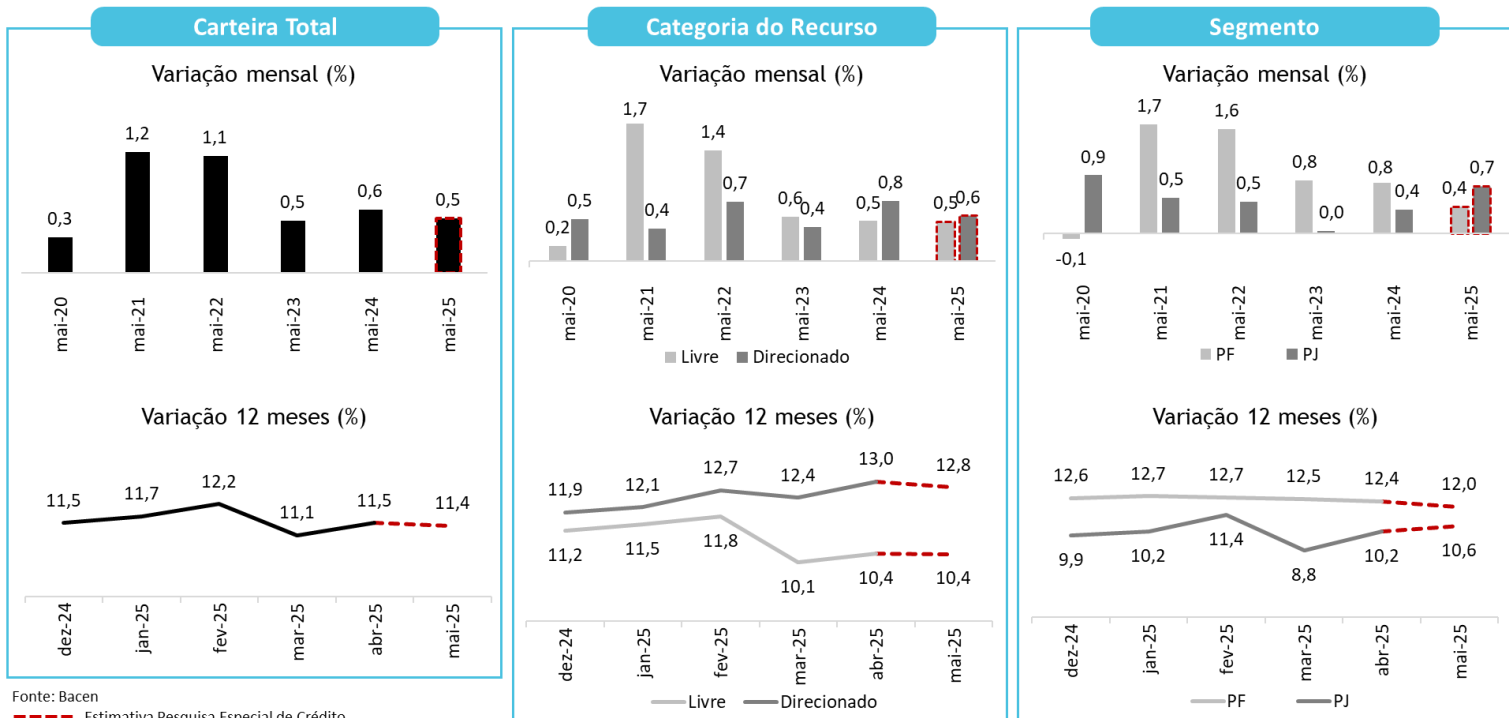
Já o crédito PJ Direcionado deve seguir com intenso crescimento, estimado em 1,1%, ainda impulsionado pelos programas públicos, como o PEAC-FGI, mantendo o ritmo de expansão anual da

carteira estável em um patamar bastante elevado, de 14,8%.

No caso do crédito às famílias, a expectativa é de alta de 0,4% em maio. A carteira PF Livre deve avançar 0,5%, ainda sem sinalizar uma mudança significativa na dinâmica do crédito pessoal, com aparente impacto limitado da nova linha de crédito consignado privado, mas mantendo um ritmo robusto de expansão anual, em 12,1% (ante 12,5%). Já a carteira PF Direcionada (+0,3%) deve seguir sustentada pelos financiamentos imobiliários, mas com acomodação no ritmo de crescimento, que deve recuar de 12,2% para 11,8%.

No geral, os dados de maio sinalizaram que o crédito continua avançando em um patamar robusto, sustentado principalmente pelas operações com recursos direcionados, ainda fortemente impulsionadas pelos programas públicos. Chamou atenção o comportamento das contratações PJ diante das alterações nas alíquotas de IOF, com aparente movimento de antecipação nas operações de desconto de recebíveis e alguma acomodação em capital de giro. Ainda é cedo para mensurar o impacto total dessas medidas, mas os efeitos devem seguir no radar nos próximos meses, caso não haja alguma alteração na tramitação da MP no Congresso.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa apontou expansão mensal de 0,8% em maio. Ajustando pelo número de dias úteis, o resultado representa uma retração de 4,0% na margem.

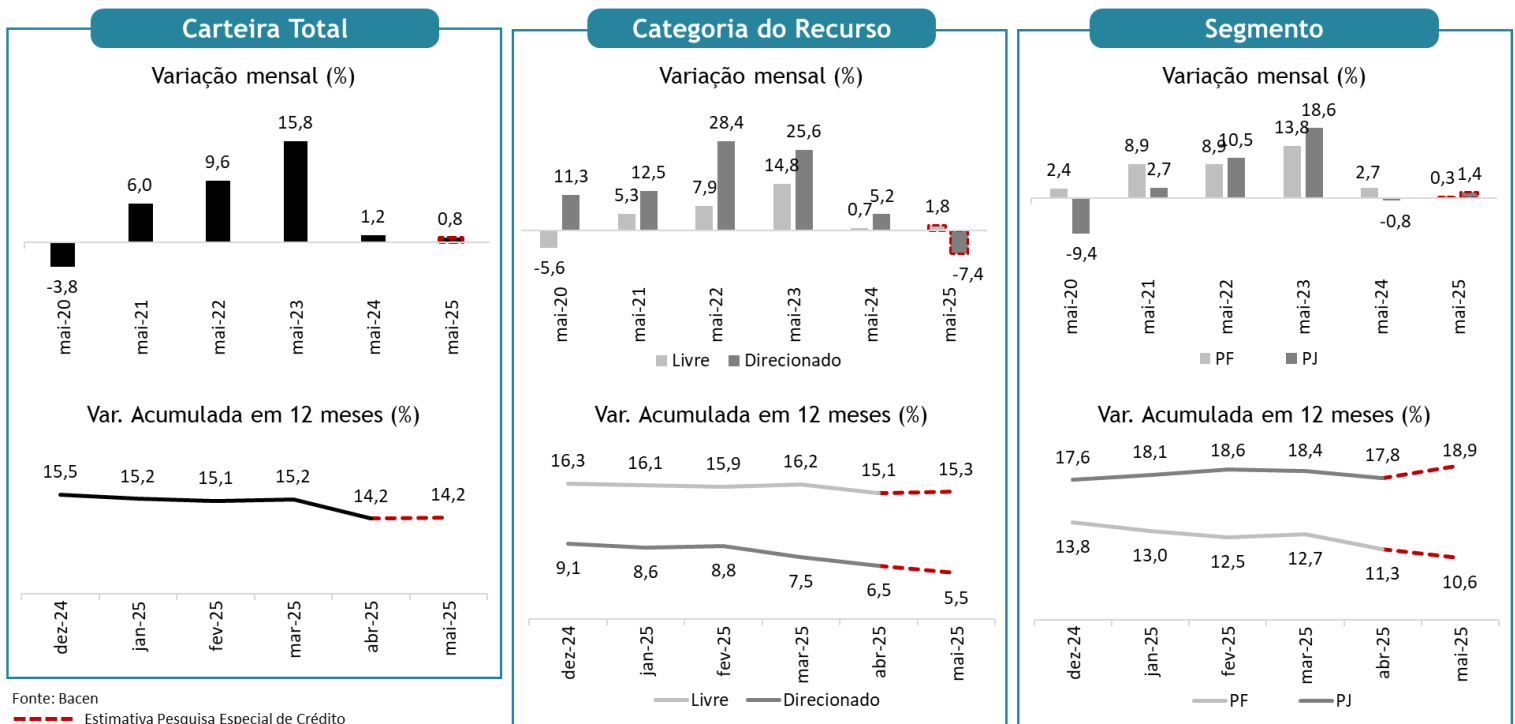
O recuo do mês (com ajuste de dias úteis) deve ser disseminado entre os recursos e segmentos, com destaque para as concessões com recursos direcionados às empresas — que devem apresentar a maior queda, refletindo a elevada base de comparação dos programas públicos.

Na comparação com maio de 2024, que elimina os efeitos sazonais e de dias úteis, o volume concedido deve crescer 12,2%, ainda sinalizando um expressivo ritmo de expansão.

No acumulado em 12 meses, o crescimento deve se manter estável em 14,2%, reforçando as indicações de resiliência das concessões, fato que tem ajudado a sustentar a atual trajetória de crescimento do saldo.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está agendada para o dia 27 de junho. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

--- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	20/06/25	13/06/25	23/05/25	Viés	06/06/25	30/05/25	09/05/25	Viés
IPCA (%)	5,24	5,25	5,50	▼	4,50	4,50	4,50	↔
PIB (% de crescimento)	2,21	2,20	2,14	▲	1,85	1,83	1,70	▲
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	14,75	14,75	▲	12,50	12,50	12,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,72	5,77	5,80	▼	5,80	5,80	5,90	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	20/06/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,51	-0,54%	-3,66%	-10,74%	1,45%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	157,42	1,82%	-2,72%	-26,78%	-1,07%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,91	0,90%	1,44%	21,01%	43,11%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,79	0,93%	1,11%	-4,00%	33,71%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,50	-0,99%	-1,50%	-13,46%	11,72%
Índice Ibovespa (em pontos)	137.115,83	-0,07%	0,07%	13,99%	14,01%
IFNC (setor financeiro)	15.226,41	1,53%	-0,98%	28,71%	25,29%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,91	-1,01%	0,26%	-7,88%	-17,51%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,38	-0,54%	-0,57%	-3,48%	2,72%
Dollar Index	98,71	0,53%	-0,63%	-8,71%	-6,52%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.967,84	-0,15%	0,95%	1,03%	9,04%
Índice de ações de bancos – EUA	110,45	0,13%	-1,27%	-8,03%	17,36%
Índice Euro Stoxx 50	5.233,58	-1,08%	-2,48%	7,48%	5,78%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	197,15	-0,47%	-2,10%	35,64%	42,57%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	77,01	3,75%	20,52%	3,52%	-10,15%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira